

Sentimentos e emoções envolvidos na aprendizagem da escrita em Língua Estrangeira

Neuda Alves do Lago – neudalago@hotmail.com
Paula Francieli Bamberg Schneider – paulabamberg19@hotmail.com
Universidade Federal de Goiás/ Campus Jataí
Universidade Federal de Goiás/ Campus Jataí

Resumo

Neste trabalho, apresentamos um estudo realizado com estudantes de nível fundamental, médio e superior, em três instituições públicas da cidade de Jataí-GO. Nossa intenção foi de investigar a afetividade no processo de ensino e aprendizagem de escrita em língua estrangeira, de que maneira a afetividade pode influenciar a aprendizagem do aluno, contribuindo ou não para que esse processo ocorra. Para a coleta de dados, utilizamos dois questionários, que foram aplicados em todos os alunos das três turmas e também nos professores de cada uma delas. Também foram feitas entrevistas com dois alunos de cada turma e com os professores de cada uma delas. Os resultados dão visibilidade a certa baixa da autoestima dos níveis fundamental e médio, motivações diferentes em cada turma, crenças semelhantes e ansiedade frente à escrita em língua inglesa nos níveis fundamental e médio.

Palavras-chave: *fatores afetivos, língua estrangeira, aprendizagem de escrita.*

Área Temática: *Linguagem e cognição no ensino-aprendizagem.*

Introdução

As investigações sobre afetividade e aprendizagem têm sido marcadas, ao longo do tempo, por um cuidadoso distanciamento entre ambas, ou seja, não havia muitas possibilidades de troca entre essas duas áreas do conhecimento, pelo menos até o início do século XX, quando foram se destacando as teorias chamadas humanistas. (BORGES, 2011). Os estudos até então se fixavam muito nos aspectos cognitivos, ou seja, as questões afetivas, sociais e culturais não eram consideradas nesse tipo de estudo (SILVA, 2008). Segundo Tassoni (2000), há divergências em relação à conceituação dos fenômenos afetivos. Muitas vezes, segundo a autora, pode-se encontrar na literatura os termos afeto, emoção e sentimentos entendidos como sinônimos, no entanto, ela explica que a emoção aparece mais relacionada a aspectos de ordem biológica e a afetividade aparece como algo mais complexo, referindo-se a expressões de ordem vivencial. Entretanto, ela aponta em seu artigo, uma definição sobre os fatores afetivos que advêm dos estudos do pesquisador Pino (1997), para ele, os fenômenos afetivos estão ligados

às experiências subjetivas dos sujeitos, ou seja, são a revelação da forma com que cada um é afetado pelo o que acontece na sua vida.

Sendo assim, apesar de, esses fatores estarem ligados a uma natureza mais subjetiva, não significa que estejam isolados do mundo prático, pois é justamente através do mundo prático que nossa subjetividade é afetada e que, por sua vez, exerce influência no cotidiano prático da vida. Se encarmos a aprendizagem como inserida na ordem prática da vida, pode-se dizer então que, há uma forte ligação entre a mesma e os fatores afetivos.

No que se refere à aprendizagem de língua estrangeira, algumas pesquisas têm mostrado que fatores afetivos como a ansiedade e a autoestima influenciam, de maneira decisiva, o processo em questão. Para Brum (2003),

“O processo de aprendizagem coloca o sujeito numa situação psicossocial tal que a necessidade de comunicação verbal se impõe a ele. Na aprendizagem de línguas, isto se choca em parte com uma competência comunicativa nascente e evolutiva e, em parte com a perda de “status” comunicativo de certos locutores, causando manifestações e dificuldades cognitivas e afetivas, tais como os conflitos, a ansiedade, as defesas e as resistências”. (BRUM, 2003, p.108).

O trabalho de Andrade (2011), exemplifica um pouco essa problemática, pois investiga a influência da ansiedade no processo de aprendizagem de línguas, tendo como uma de suas conclusões a relação direta da ansiedade com o aprendizado, principalmente em relação à fala da língua em sala de aula.

Pensando nessas questões, o objetivo geral desta pesquisa foi explorar os fatores afetivos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Especificamente, investigamos de que maneira a autoestima, a motivação, as crenças e a ansiedade marcam presença durante a aprendizagem da escrita em língua inglesa, a partir do ponto de vista de alunos e também de professores.

Sendo assim, apresentamos, neste trabalho, algumas análises de dados que foram coletados em instituições públicas de ensino da cidade de Jataí-GO entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012. Trata-se então, de uma turma de ensino fundamental (7º ano) de uma escola estadual, uma turma de ensino médio (3º

ano) de uma instituição federal e de uma turma de Letras/Inglês (5º período) de uma universidade federal.

Justificativa

Os estudos em volta da afetividade, na relação com ensino e aprendizagem de línguas, são bastante recentes, até pouco tempo os fatores afetivos não eram considerados nessa relação. Segundo Cardoso e Lima (2004), em meados da década de 70 surgem abordagens como a abordagem *Comunicativa*, que começam a chamar a atenção para os universos afetivos dos alunos, pensando neles de uma forma mais ampla, ou seja, começou a se olhar para outros aspectos e não mais, somente para os aspectos cognitivos que, tradicionalmente, marcaram presença nesses estudos.

Na perspectiva dos pesquisadores De Paula e Faria (2010), a abordagem Democrática dá um enfoque especial para a afetividade dentro do processo de ensino/aprendizagem. Dentro dessa perspectiva acredita-se que a interação afetiva auxilia muito mais na compreensão dos conteúdos e também ajudando no desenvolvimento da pessoa como um todo, ou seja, vai além dos aspectos puramente cognitivos. Nesse sentido, é interessante perceber que a escrita, no caso, a escrita em inglês também é influenciada por essa carga de afetividade das relações em sala de aula. Como comenta o estudioso Figueiredo (2005), a escrita pode ser considerada uma atividade na qual cognição e emoção estão ligadas em todo o seu desenvolvimento, ou seja, ambas estão presentes.

Quando alunos e professores começam a falar mais sobre seus medos, frustrações, motivações e entusiasmos sobre o ensino e o aprendizado, eles acabam mostrando o quanto o aprendizado e o ensino são atravessados pela afetividade singular de cada pessoa. Dessa maneira, pode se perceber o quanto é válido e importante que novos estudos e pesquisas de campo ocorram nessa área do conhecimento.

Metodologia

Está pesquisa, predominantemente qualitativa, foi desenvolvida em instituições públicas de ensino, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental (20 alunos) de uma escola estadual, uma turma de 3º ano do ensino médio (10 alunos) de uma instituição federal e de uma turma de 5º período do curso de Letras/Inglês (4 alunos) de uma universidade federal.

Como instrumentos de coleta foram utilizados dois questionários, um com 33 afirmações e outro com 20 afirmações, respondidos por todos os alunos das turmas em questão e também por seus respectivos professores de inglês. Os questionários foram feitos em duas versões, uma para os alunos e outra para os professores. Também foram feitas entrevistas que foram respondidas por dois alunos de cada turma e também pelos seus professores.

Resultados

Explicitamos abaixo, na tabela, os quatro fatores investigados nesta pesquisa, para que se possa ter uma ideia do estado afetivo dos alunos e professores no que diz respeito à escrita na língua inglesa.

<i>Fatores afetivos na escrita em Língua Estrangeira</i>
<i>1. Autoestima</i>
<i>2. Motivação</i>
<i>3. Crenças</i> <ul style="list-style-type: none"><i>3.1 Crenças sobre aprendizagem</i><i>3.2 Crenças sobre o papel do professor</i><i>3.3 Crenças sobre a LE</i><i>3.4 Crenças sobre a escrita</i>
<i>4. Ansiedade</i>

Tabela 1 – Fatores Afetivos relacionados a escrita em Língua Estrangeira

O primeiro fator investigado foi o da *autoestima*. Segundo Miranda (2008), a autoestima é o resultado de uma auto avaliação, feita por cada indivíduo, a partir de suas trocas com o meio, sendo de natureza plural e instável, ou seja, não há autoestima totalmente estável. De acordo com o autor, a autoestima interfere diretamente na vida das pessoas, pois está ligada ao que cada pessoa pensa sobre si mesmo.

Pudemos observar, a partir da análise dos questionários e de entrevistas, que as turmas de ensino fundamental e médio não se apresentam de maneira positiva frente à escrita na língua inglesa. Pode-se dizer que a maioria dos alunos, das turmas em questão, não se sentem confortáveis frente à atividade de escrita em inglês.

No caso da turma de ensino fundamental a frase “*Eu receio que os outros alunos riam de mim quando estou lendo meus textos em inglês*”, teve concordância de 75% dos

9ª Semana de Licenciatura

A prática docente e o desafio de ensinar na diversidade
Jataí – GO – 2012

alunos, ou seja, há uma preocupação, por parte da maioria, em relação à imagem que passam para os outros.

Na turma de ensino médio pode-se observar que há receio maior na hora de escrever em inglês durante as aulas, observa-se isso a partir da seguinte frase presente no questionário, “*Eu nunca me sinto autoconfiante quando tenho de escrever em inglês durante as aulas*”, que teve 60% de concordância. Em contrapartida, os alunos da turma de Letras/Inglês se apresentaram de maneira mais positiva frente às atividades de escrita, demonstrando mais autoconfiança frente ao que é proposto e principalmente frente à exposição em sala de aula. Na frase, “*Eu receio que os outros alunos riam de mim quando estou lendo meus textos em inglês*”, houve 100% de discordância.

O fator *motivação* também se faz presente como um dos fatores que mais influenciam no aprendizado de línguas. Segundo Andrade e Norton (2011), o teórico Dörnyei (1994) apresenta um conceito de motivação que consiste em três níveis, que seriam o nível da língua, o nível do aprendiz e o nível da situação de aprendizagem. Sendo que, a partir desses níveis tem-se uma ideia da dimensão social ou extrínseca, pessoal ou intrínseca e da matéria educacional, em relação à motivação no aprendizado de línguas, trazendo, dessa forma um conceito de motivação mais amplo, ou seja, que não se detém a esfera individual, mas também às condições sociais e materiais de ensino, que também influenciam a motivação no indivíduo.

Percebeu-se, através dos dados obtidos, que há uma motivação extrínseca ou social bastante forte entre os alunos do ensino fundamental, a maioria dos alunos se sentem motivados a aprender inglês por ser uma língua que dá certo status social, ou seja, aprender inglês, para esses alunos, significa pertencer a grupo diferenciado socialmente, há uma importância social. Isso pode ser observado pela frase presente no questionário, “*Eu estudo inglês para ter status*”, que teve concordância de 60% dos alunos.

Na turma de ensino médio, pode-se perceber que, há uma identificação maior com a cultura da língua, o que pode ser considerado como um fator motivacional. No entanto, a professora da turma, acredita que o grande fator motivacional para aprender a língua seria em relação ao futuro profissional. Pode-se perceber isso a partir do comentário que ela fez em um dos questionários, *Meus alunos acreditam que escrever bem em inglês será necessário para o futuro deles, principalmente na área profissional.* (Jane, professora da turma B, questionário).

A turma de Letras/Inglês apresenta uma motivação bastante ligada ao profissional, pois estão estudando para serem profissionais da língua inglesa. Observa-se isso através do comentário de uma aluna do curso, “*Estudo inglês para alcançar meus objetivos. Ser uma boa professora*”. (comentário/questionário – Nara/turma C). Pode-se perceber então, diante desses dados, algumas das possíveis motivações que podem estar presentes no aprendizado de uma língua.

O próximo fator são as *crenças*, que foram divididas em quatro subitens. De uma maneira geral, as crenças estão presentes no nosso cotidiano, pois é nessa relação que elas são construídas. Mastrella (2002), apresenta em sua dissertação, alguns conceitos sobre crenças. Dentre eles destacam-se dois que indicam maior proximidade com nossos estudos, o primeiro é o da estudiosa Horwitz (1988), que apresenta as crenças como opiniões ou noções preconcebidas sobre aspectos da aquisição da segunda língua, o outro conceito, de Wenden (1986), pensa nas crenças como opiniões relacionadas às experiências ou opiniões de pessoas relevantes para o indivíduo.

Em relação ao primeiro subitem, *crenças sobre o aprendizado*, a turma de ensino fundamental demonstrou uma forte crença de que para se aprender uma nova língua seria preciso, primeiramente, gostar da mesma. Pode-se observar isso diante da frase, “*Para se aprender uma língua estrangeira é preciso, em primeiro lugar, gostar da nova língua que se quer aprender*”, que obteve 70% da concordância dos alunos. Há, portanto, uma crença forte nesse sentido, que por vezes, pode prejudicar o aprendizado de línguas. Gostar daquilo que se apresenta pode motivar mais o aluno no processo de aprendizagem, no entanto, não pode ser considerado como fator determinante.

A turma de ensino médio apresentou uma forte crença em relação ao nível de exposição frente a língua que se quer aprender, ou seja, quanto maior a exposição melhor será o aprendizado, principalmente em relação à escrita na língua. Pode-se perceber isso através da frase, “*Expondo-me à língua inglesa regularmente (televisão, rádio, música, leitura) conseguirei desenvolver mais minha escrita em menos tempo*”, que obteve concordância de 80% da turma.

A turma de ensino superior foi unânime na concordância das crenças comentadas nas outras turmas, ou seja, 100% da turma acredita na importância de se gostar da língua e na exposição frente a mesma como fator que auxilia no desenvolvimento da escrita. No entanto, na crença presente no questionário, “*Algumas pessoas têm mais facilidade para aprender outras línguas porque são mais inteligentes*”, houve 100% de discordância da

9ª Semana de Licenciatura

A prática docente e o desafio de ensinar na diversidade

Jataí – GO – 2012

turma, enquanto que na turma de ensino médio, por exemplo, houve uma concordância de 60% frente a essa crença.

Pode-se dizer que a turma de Letras conseguiu desmistificar essa crença, o conhecimento sobre as várias teorias de aprendizado e sobre os vários conceitos de inteligência podem ter influenciado para a derrubada dessa crença. Isso se torna ainda mais visível a partir do comentário feito pela aluna da turma em questão, “*Não aprender inglês, não significa que você não é inteligente, talvez tenha outros tipos de inteligência, não linguística.*” (Nara/ turma B - questionário).

Sobre as *crenças sobre o papel do professor*, a crença de que o professor deve explicar e explicitar melhor as regras gramaticais foi bastante visível nas turmas de ensino fundamental e médio, o que demonstra ainda certa dependência dos alunos em relação ao professor. Pode-se observar isso através da frase, “*Os professores deveriam explicar as regras gramaticais mais explicitamente*”, que teve concordância de 50% das mesmas turmas.

Já na turma de Letras/Inglês essa crença já foi desmistificada, a turma se apresentou mais independente do professor, procurando por outras maneiras de se aprender assim como outros instrumentos que possam complementar o trabalho do professor. Observa-se isso a partir da mesma frase presente no questionário citada acima, a qual teve 66,6% de discordância da turma, o comentário da aluna turma também contribui com essa análise, ela escreveu, “*Todos explicam bem as regras gramaticais. Cabe aos alunos entendê-las.*” (Nanda/turma C - questionário).

Pode-se pensar que, nesse caso, há de se levar em conta o processo de maturação do qual os adolescentes e jovens do ensino fundamental e médio estão passando. Pode-se pensar, também, que os níveis de ensino fundamental e médio poderiam trabalhar mais no sentido de que seus alunos adquirissem mais autonomia no processo de aprendizagem.

Uma das *crenças sobre a língua estrangeira* que se destacaram nas três turmas foi em relação à força da língua inglesa. Pode-se observar isso em relação à crença presente no questionário, “*Inglês é a língua mais importante hoje*”, que teve concordância significativa nas três turmas. Isso mostra o quanto a língua inglesa tem um valor social bastante forte entre os alunos, o inglês representa uma cultura de forte influencia entre os adolescentes e jovens. O comentário da aluna de ensino médio também aponta para essa análise, ela escreve, “*Os Estados Unidos é potencia mundial, nada mais justo o inglês ser*

mais importante em relação à economia, trabalho, etc...” (Muriele / turma B - questionário).

Em relação às *crenças sobre a escrita*, pode-se perceber que, as turmas do ensino fundamental e médio acreditam que escrever é mais difícil do que falar muito em função das palavras que se leem de um jeito e se escreve de outro e também pela dificuldade de se observar as regras gramaticais da língua. A crença presente no questionário, “*Escrever textos em Inglês é mais fácil do que falar em Inglês*”, teve 60% de discordância da turma de ensino fundamental, 50% de discordância da turma de ensino médio e teve 66,6% de discordância da turma de ensino superior.

A *ansiedade*, outro fator importante, também tem sua parcela de influência nas relações de ensino e aprendizado, sendo, muitas vezes, colocada como a vilã dessas relações. Welp (2009), cita como referência, Spielberger (1979), que percebe a ansiedade como um processo, ou seja, uma complexa sequencia de eventos cognitivos, afetivos e comportamentais, que por sua vez, são despertados por um estímulo estressor.

Através de entrevistas com alguns alunos pode-se notar que, a maioria dos alunos acha que escrever em inglês é mais difícil do que falar na mesma língua, em função de que se escreve de um jeito e se lê de outro, causando certa confusão. No entanto, quando perguntados sobre os sentimentos envolvidos na hora da escrita as respostas da maioria foram de que se sentiam normais e que havia maior ansiedade quando a escrita estava relacionada aos testes da disciplina, pois os mesmos determinam as suas notas. A turma de ensino superior demonstrou mais autoconfiança e liberdade. Tanto no questionário quanto nas entrevistas os alunos não demonstraram que se sentiam pressionados ou ansiosos na hora de escrever, novamente os testes são os que causam maior tensão na hora de escrever.

Conclusões

A partir das análises feitas, até então, pode-se dizer que a afetividade está intimamente relacionada com os processos de ensino aprendizagem, pois atravessa as relações humanas, contribuindo para que as mesmas tomem os mais variados caminhos e cheguem a diferentes destinos. Os processos de ensino e aprendizagem fazem parte das relações humanas, constituem o homem desde seu nascimento até a morte e, pensando o homem como um ser racional, emocional e biológico, a afetividade não pode ser desconsiderada.

Este estudo nos permitiu visualizar que, os alunos das turmas de ensino fundamental e médio apresentam uma autoestima um tanto negativa sobre si mesmos no que corresponde ao aprendizado da escrita. Percebeu-se que existem algumas crenças sobre a aprendizagem, sobre o professor, sobre a língua e sobre a escrita e elas estão presentes em todas as turmas, perceberam-se, também, diferentes motivações para se aprender uma língua, em cada turma, observou-se motivações diferentes e também foi possível perceber o quanto a ansiedade toma conta dos alunos frente à escrita na língua inglesa, principalmente nos níveis fundamental e médio e principalmente quando a escrita está relacionada a alguma avaliação.

Pode-se concluir que a afetividade não pode ser colocada de lado quando o assunto é aprendizagem. A autoestima, a motivação, as crenças e a ansiedade, fazem parte da vida cotidiana das pessoas e as afetam de maneira singular, fazendo com que cada aluno e cada professor construam o seu modo de aprender e de ensinar. No entanto, é preciso estar atento para que esses fatores afetivos não sejam colocados à margem ou esquecidos no momento de grande intensidade emocional que dá todos os dias dentro da sala de aula.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. R. M. D. Falar, Fazer, Sentir, Vir a ser: Ansiedade e Identidade no processo de aprendizagem de LE. In: ANDRADE, M. R. M. D. (org.). Afetividade e Emoções no Ensino/Aprendizagem de Línguas: Múltiplos Olhares. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. (17-48).

ANDRADE, M. R. M. D.; NORTON, B. Querer é poder? Motivação e aprendizagem de língua estrangeira. In: ANDRADE, M. R. M. D. (org.). Afetividade e Emoções no Ensino/Aprendizagem de Línguas: Múltiplos Olhares. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.(89-113).

BORGES, T. D.; LAGO, N. A.; OLIVEIRA, V. G.. O bom professor de língua inglesa procura ser mediador do conhecimento: algumas crenças de uma acadêmica formanda em Letras (Inglês) sob análise. In: XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano, 2011, Jataí - GO. Anais do XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano, 2011.

9ª Semana de Licenciatura

A prática docente e o desafio de ensinar na diversidade
Jataí – GO – 2012

Disponível em: <http://www.jatai.ufg.br/sites/jatai_conade/pages/29453>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BRUM, M. Dificuldades na aprendizagem de línguas e meios de intervenção. *Sitientibus*, n. 29, p. 105-117, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/29/dificuldades_na_aprendizagem_de_linguas.pdf> Acesso em: 10 de jul. 2012.

CARDOSO, K. P. D. LIMA, D. C. D. Sinais de Variáveis Afetivas e de Autonomia em Narrativas de Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira. *AMFALE*, V. Disponível em: Disponível em:< <http://www.veramenezes.com/diogafetivo.htm>>. Acesso em: 10 de jul. 2012.

DE PAULA, S.R.; FARIA, M. A. de. Afetividade na aprendizagem. *Saberes da Educação*. N.1, p. 1-9, 2010.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Semeando a interação: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira*. Goiânia, Goiás: Editora da UFG, 2005.

MIRANDA, S. *A construção da autoestima em sala de aula: comunicação e metacomunicação nas interações professora-alunos*. Tese apresentada para a obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, UNB, 2008.

MASTRELLA, M. R. *A relação entre crenças dos aprendizes e ansiedade em sala de aula de língua inglesa: um estudo de caso*. Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós- graduação em Letras: Estudos linguísticos, da Universidade Federal de Goiás, UFG, 2002.

SILVA, E. R. D. As relações entre cognição e afetividade: A influencia de Vygotsky nessa abordagem temática, *Soletras*, n. 15, p. 133-140, jan./jun.2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/soletras/15/as_relacoes_entre_cognicao_e_afetividade.pdf: Acesso em: 04 mar. 2012.

9ª Semana de Licenciatura

A prática docente e o desafio de ensinar na diversidade

Jataí – GO – 2012

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno. In *Psicologia, análise e crítica da prática educacional*. Campinas: ANPED, 2000. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2019T.PDF>>

WELP, A. K. S. A ansiedade e a aprendizagem de língua estrangeira. *Revista de Hoje*, v. 44, nº 3. Porto Alegre, 2009.